

Quem pode participar da festa? Racismo, futebol e a Copa do Mundo FIFA/2026

Resumo: O futebol tem sido um elemento privilegiado para compreender os valores da sociedade, sendo a Copa do Mundo de Futebol (CMF) uma vitrine para observarmos diversos aspectos e tensões. Sediada pela primeira vez em 3 países (México, EUA e Canadá) e com 48 seleções, temos um cenário bastante interessante quanto às questões étnico-raciais/racismo. Nesta pesquisa, de abordagem qualitativa e do tipo análise de produtos midiáticos, utilizamos a rede social *Instagram* nas duas primeiras semanas de realização da CMF/2026 e selecionamos 9 postagens analisadas pela hermenêutica de profundidade com o objetivo de refletir sobre as relações entre futebol e racismo. Embora os fatos evidenciem problemas discriminatórios com atletas, árbitros, jornalistas e torcedores, observa-se a necessidade de ampliação e aprofundamento da desnaturalização e da nomeação do racismo como raiz ideológica das ações.

Palavras-chave: Copa do mundo FIFA 2026; Exclusão; Futebol; Migração; Racismo

Beatriz de França Alves

Mestranda em Educação/UFBA,
Licenciada em Educação Física/UFS
GEPESCEF/UFS
Instituto Nacional de Ciência e
Tecnologia/CNPq Estudos do Futebol
Brasileiro
<https://orcid.org/0000-0002-7963-385X>
beatriz.franca090@gmail.com

Cristiano Mezzaroba

Doutor em Educação/UFSC
GEPESCEF/UFS;
Prof. DEF/CCBS/UFS; PPGED/UFS
Instituto Nacional de Ciência e
Tecnologia/CNPq Estudos do Futebol
Brasileiro
<https://orcid.org/0000-0003-4214-0629>
cmezzaroba@academico.ufs.br

Daniel Machado da Conceição

Doutor em Educação/UFSC
NEPESC/UFSC;
Secretaria Estadual de Educação de SC
Instituto Nacional de Ciência e
Tecnologia/CNPq Estudos do Futebol
Brasileiro
<https://orcid.org/0000-0002-6065-6656>
danielmdac1@gmail.com

Who can take part in the celebration? Racism, football and the FIFA World Cup 2026

Abstract: Football has long served as a privileged lens through which to understand the values of society, with the FIFA World Cup (FWC) providing a global showcase for observing a wide range of social dynamics and tensions. Hosted for the first time by three countries (Mexico, the United States and Canada) and featuring 48 national teams, the 2026 tournament offers a particularly interesting context for examining ethnic-racial relations and racism. This qualitative study, based on the analysis of media products, used Instagram as its primary data source during the first two weeks of the FIFA World Cup 2026. Nine posts were selected and analyzed using depth hermeneutics, with the aim of reflecting on the relationship between football and racism. Although the findings reveal discriminatory incidents involving athletes, referees, journalists, and fans, they also highlight the need to broaden and deepen efforts to denaturalize racism and explicitly recognize it as the ideological root of such actions.

Keywords: FIFA world cup 2026; Exclusion; Football; Migration; Racism

¿Quién puede participar en la celebración? Racismo, fútbol y la Copa del Mundo de la FIFA de 2026

Resumen: El fútbol ha sido un elemento privilegiado para comprender los valores de la sociedad, y el Mundial de Fútbol FIFA (MF) constituye un escaparate que nos permite observar diversos aspectos y tensiones. El torneo de 2026, organizado por primera vez por tres países (México, Estados Unidos y Canadá) y en el que participarán 48 selecciones nacionales, ofrece un contexto especialmente interesante para examinar las relaciones étnico-raciales y el racismo. Este estudio cualitativo, basado en el análisis de contenidos mediáticos, utilizó *Instagram* como fuente principal de datos durante las dos primeras semanas de MF FIFA 2026. Se seleccionaron y analizaron nueve publicaciones mediante una hermenéutica de profundidad, con el objetivo de reflexionar sobre la relación entre el fútbol y el racismo. Aunque los resultados revelan incidentes discriminatorios en los que se vieron implicados deportistas, árbitros, periodistas y aficionados, también ponen de relieve la necesidad de ampliar y profundizar los esfuerzos para desnaturalizar el racismo y reconocerlo explícitamente como la raíz ideológica de tales acciones.

Palabras-clave: Copa del mundo FIFA 2026; Exclusión; Fútbol; Migración; Racismo

INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo de Futebol Masculino da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) 2026 tem sido anunciada como uma celebração global da diversidade, da integração entre os povos e dos valores historicamente atribuídos ao esporte. Entretanto, os acontecimentos que envolvem a preparação do evento (e principalmente em suas semanas iniciais) revelam um cenário marcado por contradições. Ao mesmo tempo em que o futebol se apresenta como elemento com potente linguagem universal capaz de aproximar culturas distintas, emergem notícias relacionadas ao endurecimento de políticas migratórias, restrições de circulação a cidadãos de determinados países e discursos de exclusão que colocam em dúvida o caráter verdadeiramente inclusivo do megaevento esportivo.

Essas tensões ganham maior relevância quando observadas à luz das relações étnico-raciais, principalmente porque uma Copa do Mundo de Futebol é uma grande vitrine para muitas problemáticas do tempo presente. Dentre as várias questões que vão aparecendo nesses períodos, como conflitos geopolíticos, tensões econômicas ou mesmo relacionadas às novas tecnologias no esporte dentro e fora do gramado, temos o racismo ganhando evidência.

O racismo não pode ser compreendido como um conjunto de episódios isolados ou referente a desvios individuais, mas como um fenômeno histórico e estrutural (Almeida, 2019), além de uma prática cotidiana (Conceição, 2023), que organiza oportunidades, privilégios, direitos, exclusões e formas de pertencimento social. Nesse contexto, as restrições impostas à circulação de determinados grupos e nacionalidades não podem ser dissociadas das hierarquias raciais construídas historicamente pelo colonialismo e reproduzidas nas dinâmicas contemporâneas do poder global.

Quando pensamos especialmente na modalidade futebol, temos um campo de observação muito rico em relação às práticas de discriminação étnico-racial, justamente porque com tamanha visibilidade - as Copas do Mundo de Futebol masculino atingem a marca dos bilhões de telespectadores em todo o mundo - os protagonistas dentro das “quatro linhas” (e das múltiplas telas) são atletas negros, com seus nomes tornando-se “marcas” (vide Kylian Mbappé, Sadio Mané, Lamine Yamal, Vinícius Júnior, Neymar, Endrick etc.) e suas atuações dignas de ídolos esportivos.

Ao observarmos a atual seleção brasileira tendo como técnico o italiano Carlo Ancelotti, identificamos que o elenco tem maioria de atletas negros (Ramos, 2026), assim como, em relação à seleção francesa, dos 26 convocados, 18 são homens negros (Benício, 2026).

Também temos visto muitos jogadores passarem por processos de naturalização, como os brasileiros Jorginho (Itália), Diego Costa (Espanha) e, na atual Copa, o jogador Maurício, que atua pela seleção do Paraguai. Outro processo que se intensificou nas últimas décadas é a migração de pessoas africanas e asiáticas para o Velho Continente em busca de proteção (segurança) ou novas oportunidades. Um contingente populacional que traz ou gera filhos e filhas que passaram a compor as categorias de base dos clubes europeus e seu destaque os leva à seleção nacional. Outro movimento consolidado no mercado da bola é a “contratação” de jovens promessas de futebolistas de sucesso agenciados ainda na infância ou adolescência, construindo seu itinerário formativo na base dos clubes e, posteriormente, com o tempo vivido no país e interesse pessoal (em razão da dupla cidadania), são naturalizados para jogar na seleção local onde vivem.

Com isso, equipes que outrora eram completamente formadas por homens brancos, como França, Bélgica, Inglaterra e Países Baixos, hoje possuem atletas pardos ou negros, aumentando ainda mais a quantidade e a visibilidade de jogadores não brancos no espetáculo do futebol mundial que se realiza a cada quatro anos.

A exposição dos atletas negros com o reconhecimento de suas valências físicas e técnicas não significa uma superação do racismo. Por ser uma ideologia que orienta e estrutura as relações entre os indivíduos, a racialização se evidencia a partir de um olhar mais atento. Podemos perceber que os atletas negros estão entre os principais protagonistas e referências em campo. No entanto, basta desviarmos o olhar para os comandos técnicos das equipes e encontraremos majoritariamente pessoas brancas, mesmo em seleções latinas, orientais e africanas. Os corpos negros são valorizados

na execução da prática, mas não na condução e mesmo como modelo de estética aceitável ou desejável. Gomes (2017) identifica isso como um processo de produção do corpo negro, nomeando-o como “corpo regulado”: “O corpo regulado é também corpo estereotipado por um conjunto de representações que sustentam os ideais de beleza corporal branca, eurocentrada e, no limite, miscigenada em contraposição a pele preta” (Gomes, 2017, p. 96)

Portanto, além de todas as discriminações étnico-raciais que atletas negros e pardos enfrentam em seus cotidianos esportivos, profissionais e pessoais, se observa que não atendem ao padrão estético quando esse conjunto de homens pretos não aparece nas listas de jogadores mais bonitos da Copa, como observamos na matéria do Portal Terra - “Negros quase não aparecem nas listas de jogadores mais bonitos da Copa” (Benício, 2026):

[nas listas dos jogadores mais bonitos] Predominam atletas de fenótipo europeu. Entre os mais citados, nórdicos e tipos mediterrâneos. Branco e de olhos claros, o goleiro brasileiro Alisson surge em alguns rankings. No futebol, não é diferente do que acontece em outros universos: os pretos são raramente vistos como belos. O cabelo crespo, as narinas largas e os lábios grossos, entre outras características da ascendência africana, são alvo de desprezo e até chacota. (Benício, 2026)

Se outrora havia uma limitação (e controle) pela pauta étnico-racial nas mídias tradicionais, como rádio, jornais impressos e televisão, atualmente, com as novas mídias, principalmente as redes sociais, passamos a ver nelas a possibilidade de ocuparem um papel central nesse debate. Por um lado, ampliam a visibilidade de práticas discriminatórias e permitem que denúncias alcancem diferentes partes do mundo em poucos minutos. Por outro lado, também contribuem para a circulação de discursos que naturalizam a exclusão e reforçam estereótipos raciais. A velocidade com que essas informações são produzidas e compartilhadas frequentemente gera indignação momentânea, mas nem sempre favorece reflexões e debates mais aprofundados sobre as estruturas que sustentam tais desigualdades.

Ao longo das últimas décadas, diversos estudos demonstraram como o futebol constitui um espaço privilegiado para compreender tensões sociais mais amplas, incluindo questões relacionadas à raça, identidade, nacionalismo e poder (Wisnik, 2008; Guterman, 2009; Giulianotti, 2010; Galeano, 2013; Milan, 2014; Florenzano, 2023). Mais do que reproduzir valores presentes na sociedade, o futebol também participa ativamente de sua construção. Por essa razão, torna-se necessário questionar até que ponto as instituições que organizam e estruturam o esporte, como a FIFA, no caso do futebol masculino e feminino, estão comprometidas com a promoção da diferença, da alteridade e da justiça social, especialmente em um momento em que práticas excludentes parecem coexistir com discursos de diversidade e inclusão.

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre as relações entre futebol, racismo e mobilidade global a partir do contexto da Copa do Mundo FIFA 2026.

A questão que orienta a investigação é: de que maneira a realização do principal evento do futebol mundial - desta vez realizado nos três países da América do Norte, México, Canadá e Estados Unidos da América (EUA), com predomínio dos jogos neste último país, e também o que vamos nos deter aqui em relação aos exemplos e análises - evidencia as contradições entre o discurso de universalidade dos valores humanos associados ao esporte e as práticas de exclusão racial e controle da circulação de determinados sujeitos?

Parte-se do entendimento de que tais contradições revelam a permanência de estruturas coloniais e raciais que desafiam o potencial educativo, democrático e celebrativo frequentemente atribuído ao futebol.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com objetivos descritivo-exploratórios, construída a partir da análise de produtos midiáticos que abordam as relações entre futebol, racismo e Copa do Mundo de 2026. Para tanto, foram identificadas e mapeadas algumas reportagens

aleatórias referentes às duas primeiras semanas de realização da Copa/2026 (compreendendo a fase de grupos da competição), com posterior discussão dessas reportagens e conteúdos jornalísticos amplamente compartilhados na rede social *Instagram*, especialmente aqueles que repercutiram debates sobre discriminação étnico-racial, políticas migratórias e restrições à circulação de determinados grupos no contexto da preparação para o mundial.

A partir desse material, busca-se promover uma reflexão crítica acerca das contradições entre o discurso universalista do futebol como ritual celebrativo e as dinâmicas de exclusão que atravessam o cenário contemporâneo. Assim, na sequência, apresentamos as definições metodológicas que pautaram a pesquisa; em seguida, apresentamos e discutimos quanto a algumas postagens selecionadas, e, por fim, elaboramos reflexões finais diante do objeto.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em tela possui abordagem qualitativa (Triviños, 1995; Goldenberg, 2004; Minayo, 2010), com objetivos descritivo-exploratórios (Triviños, 2010) e caracterizada, em sua tipologia, quanto à análise de produto midiático (Mezzaroba; Mendes e Pires, 2010; Mezzaroba, 2026).

As análises de produtos midiáticos consistem em acompanhar como as produções circulam nos veículos midiáticos (ou redes sociais, atualmente) que nos ajudam a identificar, compreender e desvelar os conteúdos, textos, discursos e imagens que se vinculam a esses produtos simbólicos, com fins mercadológicos, ideológicos, políticos, identitários, pedagógicos, culturais etc. (Mezzaroba; Mendes e Pires, 2010; Mezzaroba, 2026)

De acordo com Mezzaroba (2026), trata-se de um exercício metodológico a partir das mídias, que se apresentam “[...] como importante e relevante elemento do contemporâneo que possui sua materialidade [...] e seu *modus operandi* [...] que produz narrativas, imagens, imaginários, sentidos, desejos, medos, perspectivas etc.”. E para tal, é necessário exercitar o “desvelamento”, categoria do constructo bourdieusiano, que se refere “[...] a desnaturalizar, trazer à luz aquilo que está visível e ao mesmo tempo oculto, mas pouco observado/notado/analísado” (Mezzaroba, 2026).

Nesse sentido, o racismo no esporte/futebol apresenta-se como elemento singular em tempos de Copa do Mundo de Futebol e é esse exercício que operamos nesta pesquisa: observamos, identificamos e selecionamos postagens que deram atenção e visibilidade a casos de racismo no futebol no período da Copa do Mundo FIFA 2026, principalmente com as ações envolvendo o Governo Trump, dos EUA, em relação a países, delegações, atletas, árbitros, agentes midiáticos, torcidas e torcedores. Importante destacar que as postagens ou reportagens destacam o preconceito e discriminação, mas em sua maioria não nomeiam o racismo como raiz ideológica das ações, significando uma naturalização que corrobora com o que apontamos como racismo ordinário.

A escolha das 09 (nove) publicações que compuseram o *corpus* foi realizada intencionalmente, priorizando reportagens que viralizaram na véspera e nas primeiras semanas da Copa do Mundo FIFA de 2026 (do dia 09 ao 27 do mês de junho). Esse recorte foi definido porque, logo no início da competição, começaram a ganhar grande repercussão nas redes sociais relatos sobre dificuldades enfrentadas por atletas, jornalistas, delegações e torcedores(as) para entrar e circular nos EUA. Ao selecionar materiais que alcançaram ampla visibilidade e engajamento no *Instagram*, buscou-se analisar conteúdos que contribuíram para a construção do debate público sobre as políticas migratórias adotadas durante o evento e seus impactos sobre diferentes sujeitos.

Na avaliação, utilizamos a técnica analítica da hermenêutica de profundidade (Thompson, 2011; Veronese e Guareschi, 2006), bastante apropriada às investigações que se ocupam de materiais culturais e simbólicos, como no caso das postagens que identificamos e analisamos.

Para o exercício analítico, a hermenêutica de profundidade sugere três movimentos:

1. Análise sócio-histórica - com o objetivo de articular a compreensão do objeto às condições sociais, econômicas, políticas e tecnológicas de nossa época;
2. Análise formal ou discursiva - momento de se deter ao material selecionado, em específico às suas características estruturais, linguísticas e imagéticas; e,
3. (Re)interpretação - que se configura como o momento em que os(as) pesquisadores(as) elaboram interpretações quanto ao discurso identificado e procuram compreender as relações de poder.

A partir desse procedimento, realizou-se a escolha das nove publicações que compuseram o corpus, selecionadas de forma intencional entre postagens do Instagram que viralizaram em razão de episódios envolvendo a Copa do Mundo FIFA de 2026 e o racismo. Na sequência, foram identificadas aquelas que obtiveram maior repercussão na mídia e nas redes sociais, considerando sua ampla circulação e potencial de mobilizar o debate público. Posteriormente, cada publicação foi descrita quanto ao contexto de produção, aos sujeitos envolvidos e aos principais elementos narrativos. Por fim, procedeu-se à análise reflexiva do *corpus*, buscando compreender como essas narrativas midiáticas produziram sentidos sobre o racismo no contexto da Copa do Mundo e contribuíram para ampliar a visibilidade e o debate público sobre a temática.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DAS POSTAGENS

Conforme Mezzaroba (2026), o esporte midiático permite levar a um grande público a possibilidade (e potencialidade) de pautar e discutir muitos aspectos referentes, por exemplo, à democracia, direitos humanos, justiça social, geopolítica etc. Identificamos a dimensão étnico-racial e a problemática do racismo como elemento que ganha muitos contornos e visibilidade mundial em períodos como o de realização da Copa do Mundo de Futebol masculino, considerando-se o poder que o esporte, de forma geral, e o futebol, bastante particular, mobilizam enquanto plataformas de alta visibilidade, interesses e consumo.

As ações de cerceamento, de censuras, de vigilância, de questionamentos etc. já indicam ações políticas e acabam dando visibilidade às várias questões que vão sendo narradas midiaticamente e chamando a atenção do mundo. A ocorrência disso, em território norte-americano, já é a explicitação de uma politização da Copa, organizada por uma instituição, a FIFA, que não perde oportunidade para manifestar uma pretensa falta de posicionamento e esconder-se no discurso apolítico do ideal esportivo.

Mesmo sendo raros, temos visto mais ocorrências de manifestações políticas (ou de ativismos de várias ordens) em Jogos Olímpicos, competição mundial que congrega as mais diversas modalidades esportivas. Nas Copas do Mundo de Futebol, com predominância do futebol dos homens, geralmente observam-se questões geopolíticas (disputas entre países que em outros momentos se envolveram em guerras e que ficava um “clima” estranho na competição futebolística), mas também étnico-raciais, por exemplo.

Quando envolve a Copa do Mundo de Futebol feminina, que vem ganhando maior visibilidade e destaque nos últimos anos, algo que ocorre também no Brasil, a partir do maior interesse da população em acompanhar os jogos de futebol das mulheres, é comum observarmos fatos relacionados ao combate do patriarcado, da misoginia, da falta de apoio e valorização ao futebol feminino.

E nesta Copa do Mundo masculina de 2026, chamada de “a maior copa da história”, não só por envolver 3 países-sede (México, EUA e Canadá), mas também por agregar 48 países representantes, o que já temos visto em relação a isso?

Observamos, de antemão, uma contradição: ao mesmo tempo em que a cobertura midiática expõe os problemas, esses grandes veículos de mídia geralmente não dão profundidade às questões,

parecendo um problema bastante pontual e que se supera ao longo dos dias. Essa nova lógica disseminada nas e pelas redes sociais envolve produzir fatos que se somam como uma enxurrada, sem dar tempo de organizar uma análise, argumentação e debate. Uma engenharia do caos descrita por Empolli (2019), que sai da esfera política para outros espaços como o esporte e afeta a vida cotidiana das pessoas.

A nação estadunidense no presente é um exemplo da extrema direita no poder e exaltação da ideologia e discurso supremacista. A política de governo para gerir o país e, conseqüentemente, organizar a Copa do Mundo em seu território está pautada por aquilo que Bento (2022) chama de “Trumpismo”:

O Trumpismo é um exemplo desse fenômeno e teve como característica o fortalecimento da supremacia branca, do militarismo, o desprezo por leis e instituições, o machismo e o racismo, e o ódio a intelectuais e artistas. É marcado ainda por amor ao chefe autoritário, forte nacionalismo e desprezo aos estrangeiros, aos direitos e à dignidade das pessoas. (Bento, 2022, p. 51)

Assim, o *corpus* deste estudo é constituído por uma publicação em formato de carrossel veiculada na rede social *Instagram* pelo perfil da jornalista Daniela Balbi. A referida postagem aborda a realização da Copa do Mundo FIFA de 2026 a partir da expressão “Copa da Exclusão”, reunindo diferentes episódios relacionados às políticas migratórias adotadas pelos EUA e seus possíveis impactos sobre sujeitos envolvidos no megaevento esportivo. O material apresenta textos e imagens organizados em 8 (oito) quadros informativos que articulam acontecimentos envolvendo seleções nacionais, atletas e torcedores, destacando obstáculos enfrentados para ingresso e circulação no principal país-sede da competição (os EUA). Veremos como é possível desvelar acontecimentos recentes no decorrer da Copa FIFA 2026.

O primeiro quadro pertencente ao carrossel corresponde à imagem de abertura da Copa do Mundo, que apresenta a temática central do conteúdo por meio da expressão “Copa da Exclusão”, na qual a imagem se refere ao prêmio da FIFA, entregue por seu presidente, Gianni Infantino, ao presidente norte-americano Donald Trump, curiosamente intitulado “Prêmio da Paz da FIFA - O futebol une o mundo”, em dezembro de 2025, o qual gerou muitos questionamentos e críticas à instituição máxima do futebol sobre sua pretensa neutralidade política, mas certamente já evidenciando as relações entre esses dois personagens e os acontecimentos que analisaremos aqui.

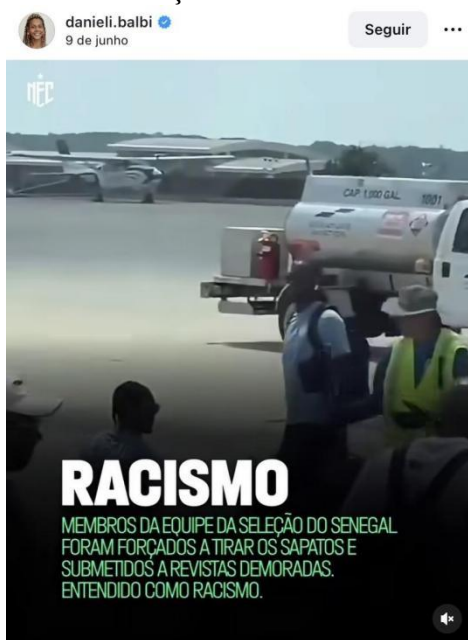
Figura 1: Publicação “Copa da Exclusão” no *Instagram*



Fonte: Perfil @danieli.baldi, *Instagram*, 9 jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

O segundo quadro do carrossel selecionado aborda denúncias de tratamento discriminatório, xenofóbico e segregacionista, direcionado a integrantes da delegação do Senegal, submetidos a procedimentos rigorosos de revista, incluindo a retirada dos sapatos durante inspeções prolongadas. Uma ação de Estado dos EUA que tem no seu governo políticas que recrudesce as ações ligadas à diversidade cultural, corrobora as reflexões de Davis (2018) para entender o que acontece de maneira descarada nesse país: “Talvez não vivenciemos os linchamentos e a violência da *Ku Klux Klan* da mesma forma que antes, mas ainda há violência estatal, violência policial, violência militar.” (Davis, 2018, p. 31). As ações impostas e as exigências às seleções do Senegal, Uruguai, Bélgica e Irã estão nesse patamar vexatório de violência, controle e humilhação. Todas elas disputaram eliminatórias da FIFA, em suas regiões, para conquistar o direito de participar da Copa do Mundo, não foram convidadas. Questionamos, então, o papel da FIFA e sua mediação nesses conflitos, colocando pressão aos EUA enquanto Estado sede do evento e seu papel em garantir a receptividade digna a atletas.

Figura 2: Publicação “Racismo” no *Instagram*



Fonte: Perfil @danieli.baldi, *Instagram*, 9 jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

A terceira imagem do carrossel relata o caso do árbitro somali Omar Abdulkadir Artan, que teve sua entrada nos EUA impedida após a negativa de visto, sendo posteriormente enviado de volta ao seu país de origem.

Figura 3: Publicação “Enviado de volta” no *Instagram*



Fonte: Perfil @danieli.baldi, *Instagram*, 9 jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

O quarto quadro do conjunto de imagens bastante representativas apresenta denúncias de tratamento considerado discriminatório direcionado à seleção do Uzbequistão, cujos integrantes teriam sido submetidos a procedimentos de segurança envolvendo cães farejadores, provavelmente por ser uma seleção não europeia.

Figura 4: Publicação “Xenofobia” no *Instagram*



Fonte: Perfil @danieli.baldi, *Instagram*, 9 jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

A quinta imagem do carrossel destaca o caso do jogador suíço Breel Embolo, que, provavelmente por ser negro (nascido em Camarões, mas naturalizado suíço), enfrentou dificuldades relacionadas à obtenção de visto para ingressar nos EUA, o que atrasou sua integração à equipe nacional.

Figura 5: Publicação “Visto negado” no *Instagram*



Fonte: Perfil @danieli.baldi, *Instagram*, 9 jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

O sexto quadro relata que o atacante da seleção iraquiana Aymen Hussein foi detido para interrogatório durante aproximadamente sete horas ao desembarcar nos EUA.

Figura 6: Publicação “7 horas” no *Instagram*



Fonte: Perfil @danieli.baldi, *Instagram*, 9 jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

O sétimo (e penúltimo) quadro do carrossel amplia a discussão para os(as) torcedores(as) de diferentes nacionalidades, destacando as dificuldades de acesso aos EUA (interessante observar que não são identificados os mesmos problemas em relação aos outros dois países-sedes, México e Canadá) e os possíveis prejuízos financeiros decorrentes da impossibilidade de acompanhar presencialmente os jogos da Copa do Mundo.

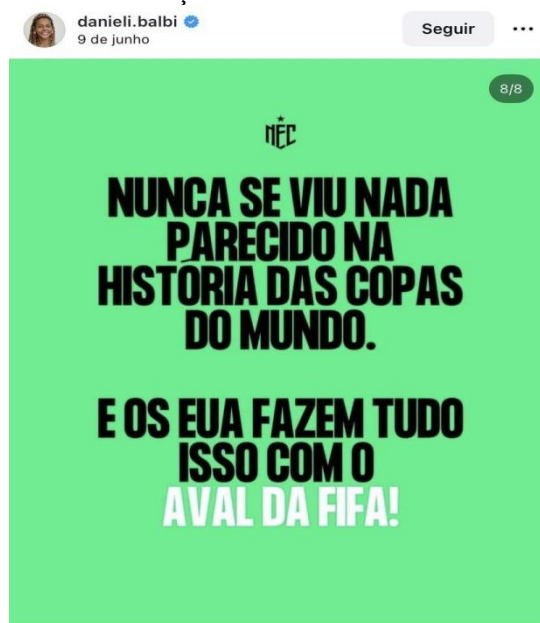
Figura 7: Publicação “Prejuízo” no *Instagram*



Fonte: Perfil @danieli.baldi, *Instagram*, 9 jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

Por fim, o oitavo quadro da composição apresenta uma reflexão da jornalista responsável pela publicação, que afirma: “Nunca se viu nada parecido na história das Copas do Mundo. E os EUA fazem tudo isso com o aval da FIFA”.

Figura 8: Publicação “Aval da FIFA” no *Instagram*



Fonte: Perfil @danieli.baldi, *Instagram*, 9 jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

A sequência narrativa construída pela postagem articula diferentes episódios para sustentar a ideia de que a Copa do Mundo de 2026 tem sido marcada por práticas de controle migratório e restrições à circulação de determinados sujeitos, constituindo o que a autora denomina de “Copa da Exclusão”.

As situações apresentadas pela postagem opinativa deslocam o foco do espetáculo esportivo para questões relacionadas à mobilidade internacional, ao controle de fronteiras e às desigualdades que atravessam a circulação de pessoas em eventos globais.

Ao reunir episódios que envolvem delegações, atletas e torcedores(as), a publicação sugere que a participação em um evento frequentemente associado à integração entre povos não ocorre sob as mesmas condições para todos os sujeitos. Nesse sentido, o material oferece elementos para refletir sobre as tensões entre os discursos de universalidade historicamente atribuídos ao futebol e as práticas de exclusão que marcam a organização e a vivência dos megaeventos esportivos contemporâneos.

Com o objetivo de ampliar essa discussão, o *corpus* também incorpora uma segunda publicação, que evidencia como essas práticas de controle migratório atingem profissionais da imprensa responsáveis pela cobertura da competição.

Trata-se de uma reportagem veiculada pelo perfil @metropolitanafm na rede social *Instagram*, que repercute uma declaração da jornalista esportiva Karine Alves durante participação no telejornal “Bom Dia Brasil”, da TV Globo. A postagem é composta por uma imagem de abertura acompanhada de texto informativo e destaca o relato da jornalista sobre os procedimentos de inspeção aos quais foi submetida ao desembarcar nos EUA para a cobertura da Copa do Mundo FIFA de 2026.

Figura 9: Publicação sobre relato da jornalista Karine Alves



Fonte: Perfil @metropolitanafm, *Instagram*, 9 de jun. 2026. Captura de tela realizada pelos autores.

A reportagem informa que Karine Alves foi orientada por agentes da imigração a levantar os cabelos durante a abordagem realizada no aeroporto, procedimento que a jornalista descreve como “constrangedor”. A publicação relaciona esse episódio a outros casos registrados durante o período da Copa do Mundo FIFA 2026, mencionando as revistas realizadas com integrantes da delegação do Senegal, as dificuldades enfrentadas por atletas de diferentes seleções para ingressar no país e as

restrições impostas a cidadãos de determinadas nacionalidades. Ao reunir esses acontecimentos, a postagem sugere que tais episódios não representam situações isoladas, mas integram um contexto mais amplo de endurecimento das políticas migratórias e de segurança adotadas pelos EUA durante a realização do megaevento esportivo.

A construção narrativa da reportagem desloca a atenção do desempenho esportivo para as experiências vividas por profissionais da imprensa, atletas e torcedores diante dos mecanismos de controle migratório. Dessa forma, a publicação amplia o debate sobre as condições de circulação internacional em um evento historicamente associado à integração entre povos, evidenciando que o acesso aos espaços da Copa do Mundo não ocorre de maneira igualitária para todos os sujeitos.

Esse discurso que restringe determinados indivíduos e grupos populacionais de regiões específicas estabelece hierarquias e mascara o racismo que sustenta esse projeto. Kilomba (2019) descreve a mudança do foco de questões biológicas para a ideia de diferença em voga no presente.

Enquanto formas antigas de racismo apelavam para “raças biológicas”, e para a ideia de “superioridade” *versus* “inferioridade” - e a exclusão daquelas/es que eram “inferiores” -, as novas formas de racismo raramente fazem referência à “inferioridade racial” ou de “religiões” e suas incompatibilidades com a cultura nacional. O racismo, portanto, mudou seu vocabulário. Nos movemos do conceito de “biologia” para o conceito de “cultura”, e da ideia de “hierarquia” para a ideia de “diferença”. (Kilomba, 2019, p. 112)

A autora supracitada apresenta uma mudança sutil, porém de forma explícita, apresentando uma nova significação na maneira de expressar o racismo: “O racismo é então explicado em termos de ‘territorialidade’, supondo uma característica quase natural” (Kilomba, 2019, p. 113). E conclui que esse gesto de colocar o sujeito negro fora da determinada nação (apelo da extrema direita estadunidense e europeia contra imigração), estipulando restrições, quer indicar que as pessoas não brancas devem ‘conhecer o seu lugar’ em vez de ‘tomar o seu lugar’. As restrições e imposições de circulação, entrada no país estadunidense, evidenciam que as pessoas não-brancas devem conhecer o seu lugar no sentido de permanecer onde estão.

O fluxo migratório incentivado pela celebração da Copa do Mundo deveria conectar povos, permitindo uma efetiva troca cultural em um mundo sem fronteiras. No entanto, estamos observando o desprezo ao estrangeiro de determinadas regiões, religiões ou raça, bem como a gentrificação dos megaeventos, parecendo aquilo que se repete no Brasil na estrutura da sua sociedade, a classe e a raça imbricadas como marcadores de diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como preparação para a Copa de 2026, a FIFA, após muita resistência, definiu o Protocolo Global Contra o Racismo¹, chamado de Protocolo Vini Júnior - em homenagem ao jogador brasileiro que na Europa representa a luta antirracista - estabelece três etapas obrigatórias para situações ou casos de discriminação racial em campo durante os jogos. O primeiro passo é a sinalização de um gesto símbolo do racismo sofrido. Segundo a interrupção da partida e, no terceiro momento, sua suspensão. Tal protocolo é uma afirmação de que a FIFA reconhece que ações racistas contaminam o jogo e, ao invés de exaltar a diversidade, acabam por enfatizar a deprimente ideia de diferença pautada pela superioridade de uns sobre os outros. Infelizmente, o protocolo serve somente para o campo de jogo e não para a tomada de decisões que afetam as relações

¹ Disponível em: <https://inside.fifa.com/campaigns/no-discrimination/no-racism>. Acesso em: 28 jun. 2026.

políticas, econômicas, midiáticas e mercadológicas. Aqui se apresenta uma contradição estrutural que garante a manutenção do privilégio branco e dos valores coloniais.

De acordo com Davis (2018, p. 55), “[...] nós não podemos pressupor que é possível ter vitórias em qualquer movimento antirracista enquanto não considerarmos como o gênero aparece, como o gênero, a sexualidade, a classe e a nacionalidade aparecem nessas lutas”. A celebração mundial do futebol é o momento em que a nacionalidade entra em cena como foco central das trocas culturais. Protocolos restritos ao campo de jogo devem ser estendidos para todas as instâncias da instituição que organiza o futebol no mundo, inclusive orientando as negociações e a geopolítica esportiva.

A Copa do Mundo FIFA de 2026 exalta o discurso de união e celebração da diversidade cultural, no entanto, revelou-se um megaevento carregado de contradições que marcam o mundo contemporâneo. Este estudo analisou postagens na rede social *Instagram* que circularam nas primeiras semanas do evento. A intenção foi refletir sobre como as relações entre futebol, racismo e mobilidade global produzem manifestações que escancaram o contexto de endurecimento de políticas migratórias, especialmente nos EUA, tendo em vista que não temos visto notícias parecidas no México e no Canadá.

A análise das postagens que narram episódios de exclusão envolvendo delegações do Senegal e Uzbequistão, atletas como Breel Embolo e Aymen Hussein, o árbitro Omar Abdulkadir Artan e a jornalista Karine Alves, caracteriza um padrão e não um processo aleatório. As dificuldades de ingresso e os procedimentos discriminatórios não são incidentes isolados, mas sintomas de um racismo estrutural (Almeida, 2019) e cotidiano (Conceição, 2023) que organiza as hierarquias de circulação ao nível global. A “Copa da Exclusão”, termo utilizado pela jornalista Daniela Balbi, é a constatação de que o acesso a essa celebração mundial é mediado por marcadores raciais e geopolíticos, que contrariam e contradizem o ideal de uma linguagem universal do futebol.

A cobertura midiática expõe as injustiças, que, muitas vezes, aparecem de forma fragmentada, tratando os eventos como pontuais e não como parte de um contexto mais ampliado e de cunho ideológico e etnocêntrico. O trabalho permitiu evidenciar que as ações de controle migratório, legitimadas pela FIFA em sua parceria com os EUA, operam como um mecanismo de “gentrificação” do evento, em que a presença de certos sujeitos é tolerada, enquanto outros são sistematicamente “colocados em seu lugar” (Kilomba, 2019). Essa dinâmica não apenas reproduz, mas também naturaliza desigualdades históricas profundamente enraizadas no colonialismo.

A breve pesquisa confirma que a Copa do Mundo FIFA 2026, em sua edição norte-americana, canadense e mexicana, deixa explícita a tensão entre o discurso celebrativo do esporte e as práticas de exclusão racial e controle de fronteiras. Portanto, alertamos sobre a necessidade de desnaturalizar o processo de racialização das posições, espaços e territórios. Sua manutenção aponta para a raiz ideológica do racismo que ainda orienta a tomada de ações dos e entre os indivíduos. A Copa do Mundo de futebol masculino, reconhecida como um megaevento, deveria contribuir para a superação das diferenças. Infelizmente, o que observamos é sua capacidade de refletir, como um espelho, as assimetrias de poder nas mais diversas esferas do social e ao nível global. Concluímos indicando que a frase sobre o “jogo limpo”, que simboliza o valor ético que conduz a modalidade, deve ser acionada com veemência para reavaliação e maior compromisso com a justiça social e a equidade racial dentro e fora dos gramados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Rio de Janeiro: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BALBI, Daniela. **Copa da Exclusão**. Instagram, 09 jul. 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DZYU4isFiIM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWF1ZA==/. Acesso em: 18 jun. 2026.
- BENÍCIO, Jeff. Negros quase não aparecem nas listas de jogadores mais bonitos da Copa. **Portal Terra**, 15 de junho de 2026. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/negros-quase-nao-aparecem-nas-listas-de-jogadores-mais-bonitos-da-copa,8b6d4150a407c74996756032d596f2e06vrk21mm.html>. Acesso em: 26 junho 2026.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- DA CONCEIÇÃO, Daniel M. Entre vira-latas e heróis, o racismo no futebol brasileiro. **Captura Críptica: direito, política, atualidade**. Florianópolis, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacritica/article/view/6161>. Acesso em: 17 jun. 2026.
- DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- EMPOLLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FLORENZANO, Gianluca. **O jogo das ruas: movimento de atletas contra o racismo**. Curitiba: Appris, 2023.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- METROPOLITANA FM. [Publicação sobre o relato da jornalista Karine Alves durante a cobertura da Copa do Mundo FIFA de 2026]. Instagram, 09 jul. 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DZYOL6vxqrN/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWF1ZA==. Acesso em: 18 jun. 2026.
- MEZZAROBBA, Cristiano. La investigación como recurso para desvelar y aprender sobre nuestra sociedad en la relación entre el deporte, los medios de comunicación y las tecnologías. La Plata, Argentina. 2026. p. 1-12. (no prelo).
- MEZZAROBBA, Cristiano; MENDES, Diego de Sousa; PIRES, Giovani de Lorenzi. Grandes eventos esportivos, mídia e representações: possibilidades/responsabilidades para a Educação Física escolar. In: DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira; KUHN, Roselaine; DORENSKI, Sérgio Ribeiro Dantas. (org.). **Educação Física, esporte e sociedade: temas emergentes**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2010. P.185-206.
- MILAN, Betty. **O país da bola**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RAMOS, Giovanna. Com maioria negra, Ancelotti anuncia convocados do Brasil para a Copa; veja a lista. **Alma Preta**, 18 de maio de 2026. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/convocados-brasil-copa-2026-vini-jr-neyamar/>. Acesso em: 26 jun. 2026.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9^a ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais** – a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2010.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 42, n. 2, maio/ago. 2006. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/6019. Acesso em: 26 jun. 2026.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol)

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA – Não se aplica

FINANCIAMENTO – Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM – Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Mauricio Roberto da Silva

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 14/06/2026

Aprovado em: 10/07/2026

Publicado em: 01/10/2026